

Oriente ocidental

É uma das tendências da estação. Junta maquiagem e roupa, mas a síntese é feita pela expressão, pela atitude, pela pose. Imagens fortes da moda que fica



Suites do Meridien do Porto

A nossa «suite» não era apenas bonita de morrer: fazia sonhar. Concebida mais como habitação do que como acomodação temporária, são tais o despojo e o rigor estético que, passada a primeira hora, sentimo-nos em casa - na casa que teríamos no Porto se a perfeição existisse

TEXTO DE JOÃO MATOS

TALVEZ A MAIS IMPORTANTE LIÇÃO HOTELEIRA DE TODAS SEJA esta: quando encontrar um hotel de que gosta muito, não perca tempo a experimentar outros. Seja fiel e construa uma relação íntima com ele. Nunca percebi porque é que as pessoas cultivam religiosamente os restaurantes que lhes enchem as medidas mas, quando se trata de hotéis, se comportam como doidivas, levadas por questões de novidade e de falsa economia, saltando de casa em casa.

Para mais, os hotéis são pequenos países, muito mais complexos e completos do que restaurantes que, por lidarem diariamente com hóspedes desconhecidos que provavelmente nunca mais lá voltarão, apreciam sobremaneira a lealdade de quem regressa - e sabem mostrar a apreciação.

Enquanto que um restaurante exige mais de uma dúzia de visitas para estabelecer a desejada regularidade, um bom hotel começa logo a recompensar os fléus à terceira (ou mesmo segunda) visita. Lembra-se; agradece; faz questão de receber ainda melhor do que quando da «última» vez, precisamente por não ter sido.

Cada vez que lá ficamos é generosamente melhor: sabem do que gostamos; conhecem os nossos hábitos; antecipam as nossas pequenas manias; mimam-nos pessoalmente. Pouco importa que o intervalo entre estadias seja medido em anos: os bons hotéis têm uma maneira muito mais civilizada de medir o tempo.

Assim aconteceu na minha mais recente visita ao maravilhoso Meridien do Porto que, em termos modernos, é bem capaz de ser, juntamente com o Ritz Four Seasons de Lisboa, um dos dois padrões civilizacionais da hotelaria portuguesa. Tinha reservado um dos excelentes quartos mas, por brincadeira e amizade, surpreenderam-me com a sumptuosa e novíssima «suite» presidencial.

Não minto quando digo que nunca estivemos tão bem. Enquanto hotéis mais comerciais jogam com a novidade e a estrangeirice (O Sheraton do Porto é um exemplo acabado/re-

cém-inaugurado desta parolice), o Méridien oferece comodidade, beleza intemporal e segurança de alma. No Méridien do Porto, é a própria directora que se encarrega da decoração com o mesmo empenho com que defende a excelência do serviço.

A nossa «suite» não era apenas bonita de morrer: fazia sonhar. Concebida mais como habitação do que como acomodação temporária, são tais o despojo e o rigor estéticos que, passada a primeira hora, sentimo-nos em casa - na casa que teríamos no Porto se a perfeição existisse. Para mais, está concebida e disposta para tranquilizar tanto como surpreende: a cada passo, estando descansadíssimos, encontramos pormenores que estimulam os espíritos e acendem os olhos semi-cerrados.

Mesmo assim, o que mais me impressionou, como hoteleiro inveterado, foi confirmar que o Méridien do Porto não distingue entre os hóspedes abastados e os normais. Ainda tive medo que o serviço - creio eu o melhor de Portugal inteiro - fosse impossívelmente melhorado por estarmos na melhor «suite». Nada disso: verificou-se a mesma incrível rapidez; a mesma simpatia; o mesmo profissionalismo.

Tenho para mim que os grandes hotéis são aqueles que lidam com as excepções com a mesma eficiência que demonstram nas rotinas estabelecidas. Pois o Méridien do Porto não se consegue sobressaltar, por muito exótico que seja o pedido. Perguntamos se seria possível ir a Matosinhos buscar camarão da Costa e reagiu como se tivéssemos pedido um quarto de Água do Luso.

Quinze minutos depois, somos abençoadamente invadidos por dois carrinhos sumptuosamente postos em que o camarão surge ladeado de todos os possíveis acessórios - frappés; oitavos de limão; lavabos; panópias de maionese e molhos tártaros - com a mesma eficiência com que serviriam uma tosta mista.

Isto é importante: acho que o Méridien do Porto é o único hotel que conheço onde se tem a sensação que os empregados,

quando vêm ao quarto trazer alguma coisa, conseguem (por perícia profissional e «savoir faire») dar a impressão de estarem a entrar-nos pela casa adentro.

A palavra «hóspede» é frequentemente abusada na propaganda hoteleira mas, nos bons hotéis, é indispensável sentimo-nos convidados. Friamente considerados, os quartos de hotel são apenas lugares onde ficamos quando não podemos dormir em casa. No Méridien do Porto - por muito azeiteiro que possa parecer dizê-lo - conseguem fazer com que os clientes se sintam donos daquilo tudo.

Não quero ser mórbido, mas é pena que tanta gente morra sem saber o que é o verdadeiro luxo. O verdadeiro luxo - a 700 euros por 24 horas - é uma experiência que nem o mais peca-minoso não merece. Por menos de 30 euros por hora (diga-se já que é quase impossível sair da «suite», pelo que não a recomendo a quem tenha a intenção de explorar a fascinante cidade do Porto), fica-se com uma noção bastante boa do paraíso.

A «suite» em si seria excepcional em qualquer parte do mundo - é linda, com uma quase mítica qualidade, espaçosa e estimulante, que parece albergar os mais loucos sonhos de cada um - mas aquilo que a transforma num prazer existencial é o serviço do Méridien, tão perfeito para quem se aproxima da Recepção só para fazer um telefonema; se submete ao melhor Dry Martini do país congeminado pelo Senhor Diamantino ou passa uma noite só para dormir e acordar cedo no dia seguinte.

A minha semana idílica na «suite» presidencial do Méridien do Porto fez-me dar ainda mais valor às comodidades e mordomias de que tantas vezes gozei nos quartos normais. Se tivesse sido muito diferente, seria mau. Significaria que havia duas bitolas; dois padrões; duas correspondências aos preços.

Deixem-me só dizer que foi uma grande felicidade confirmar que não era assim. ■